



Conhecimentos tradicionais, assistência técnica e manejo de açai (*Euterpe oleracea* Mart.) na Comunidade São João Batista, Rio Campompema, Abaetetuba – Pará

Traditional knowledge, technical assistance and management of açai (Euterpe oleracea Mart.) in the São João Batista Community, Rio Campompema, Abaetetuba - Pará.

PEREIRA, Kátia Cilene Cardoso¹; CASTRO, Roberta Rowsy Amorim de²; MAIA, Ricardo Eduardo de Freitas³; CLAUDINO, Livio Sergio Dias⁴

¹Universidade Federal do Pará, cilenekatia041@gmail.com; ²Universidade Federal do Pará, robertarowsy@ufpa.br; ³ Universidade Federal do Pará, ricardomaia@ufpa.br; ⁴Universidade Federal do Pará, livio.claudino@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este resumo teve como objetivo descrever as práticas de manejo de açai utilizadas pelos agroextrativistas da Comunidade São João Batista, Rio Campompema, município de Abaetetuba – Pará, identificando as formas de transmissão dessas práticas e suas influências no ecossistema local. Foram entrevistados, a partir de questionários semiestruturados, 37 agroextrativistas de diferentes faixas etárias, agrupados em três gerações. Como principais resultados, destaca-se o fato de que o nível de capital disponível influencia o nível de intensificação do manejo dos açazeiros; além disso, o processo de adoção das recomendações técnicas ocorre de maneira gradual e intergeracional, demandando a existência dos experimentadores pioneiros.

Palavras-chave: Agroextrativismo de Açai; Amazônia; Práticas de Manejo; Saberes Tradicionais.

Keywords: Agroextractivism of Açai; Amazon; Management Practices; Traditional Knowledge.

Introdução

As atividades extrativistas sempre foram ligadas ao modo de vida dos agricultores amazônicos. Estas populações vêm ao longo dos anos desenvolvendo diversas formas de manejo florestal necessárias à sua sobrevivência. Entre os diversos produtos da floresta que são manejados, especialmente pelos ribeirinhos, o açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) se destaca como uma das principais fontes de alimentação e renda. Especialmente depois dos anos 1990, quando o açai ganhou o mercado mundial, diversas mudanças nas dinâmicas de produção, consumo e comercialização ocorreram (CIALDELLA et al., 2017).

Diante da relevância do açai para a região amazônica, este resumo teve como objetivo descrever as práticas de manejo de açai utilizadas pelos agroextrativistas da Comunidade São João Batista, Rio Campompema, município de Abaetetuba – Pará, identificando as formas de transmissão dessas práticas e suas influências no ecossistema local.



Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida na Comunidade São João Batista, na ilha de Campompema, que faz parte do conjunto de 72 ilhas do município de Abaetetuba. O município pertence à mesorregião do Nordeste Paraense, possui 151.934 habitantes e um território geográfico de 1.610,408 km². Por via fluvial localiza-se a 62 km de Belém, capital do estado do Pará (GONÇALVES; BRASIL, 2016). A comunidade São João Batista está a cerca de 15 km da sede municipal, cujo acesso se dá somente por via fluvial, através de embarcações de pequeno porte. Em 2005, a comunidade foi contemplada com a criação do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) São João Batista, possuindo também em sua área um pequeno espaço de divisa com comunidades onde residem remanescentes de populações quilombolas.

A partir de consulta junto a cinco Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que atuam na Comunidade estes informaram a existência de um total de 370 famílias na área e destas foi retirada a amostra de 37 agroextrativistas. A amostra foi subdividida em 3 gerações, conforme a faixa etária: a 3^a geração foi formada por 17 produtores(as) de açai (aproximadamente 46 % do total da amostra), com idades entre 20 a 40 anos; a 2^a geração foi representada por 15 produtores(as), ou seja, 40,5% da amostra, com faixa etária entre 41 e 60 anos; e a 1^a geração, cujas idades variaram entre 61 e 80 teve como amostra 5 produtores (13,5% do total).

A pesquisa ocorreu num período de dois meses (junho e julho de 2017), onde para a coleta de informações foram realizadas entrevistas gravadas. Para as entrevistas foram utilizados questionários semiestruturados. Além disso, foram feitas observações e caminhadas guiadas nas áreas dos açazais. Todos os entrevistados foram informados sobre a pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

A partir do diagnóstico, foram identificados dois tipos de sistemas de manejos de açazais, dependendo do nível de intensificação: o moderado e o leve, classificações estas feitas a partir dos relatos dos entrevistados. O manejo do tipo moderado é realizado por 21 (56% dos produtores), dos quais 14 possuem áreas de 2 a 3 hectares e 7 têm áreas de 4 a 10 hectares. Os agroextrativistas utilizam as seguintes etapas de manejo em sua produção: roçagem e limpeza, raleamento da mata, enriquecimento, desbaste dos estipes, plantio ou transplante de mudas de açai e coleta/apanha. Além de utilizarem mão de obra familiar, realizam a contratação de mão de obra externa. Os agroextrativistas que realizam o manejo moderado possuem áreas consideradas maiores (quando comparados aos que praticam o manejo leve), além de complementarem sua renda a partir de outras atividades como a criação de animais e plantações. No manejo considerado leve, são



realizadas as mesmas práticas do sistema de manejo moderado, com a diferença que os agroextrativistas realizam as atividades usando exclusivamente mão de obra familiar e possuem pequenas áreas de terra, com tamanhos entre 0,5 e 1 hectare.

As diferenciações entre o manejo moderado e o leve estão, principalmente, na disponibilidade financeira dos produtores. O produtor com área pequena de até 1 hectare não tem condições para investimento em mão de obra externa e realiza o trabalho somente com o auxílio da família, cuja disponibilidade de membros nem sempre é alta. Já os produtores que realizam o manejo moderado, além de possuírem áreas maiores possuem condições para contratação de mão de obra externa. Desse modo, mesmo sendo as práticas adotadas por ambos semelhantes, há diferença na intensidade de realização das mesmas, o que decorre do poder aquisitivo e, conseqüentemente, da quantidade de mão de obra disponibilizada.

Em ambos os tipos de sistemas de manejo foram identificadas práticas de manejo que passaram por um processo de transformação ao longo dos anos. De acordo com os entrevistados da 1ª geração, até a década de 1990 o manejo local de açaí se baseava somente na coleta do fruto, não tendo em vista a produção para o comércio, sendo esta apenas para consumo, mas a partir de 1990 ocorreram transformações nessas práticas, conforme também identificado por Costa et al. (2014), reiteradas em estudo abrangente mais recente (CIALDELLA et al., 2017).

As práticas adotadas atualmente foram estimuladas pela atuação da assistência técnica oferecida pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) que ofertou cursos, palestras e oficinas nos quais participaram produtores das três gerações. As metodologias propostas pelos técnicos visavam mais a prática do que a teoria, em função do público alvo ter dificuldades na escrita e leitura. Assim, as práticas de roçagem e limpeza, raleamento da mata, enriquecimento, desbaste dos estipes, plantio ou transplante de mudas de açaí e coleta ou apanha passaram a ser utilizadas pelos agroextrativistas que buscavam o aumento da produção, visto que o açaí estava começando sua expansão comercial na região.

Contudo, a 1ª geração custou a aceitar as alterações que o manejo traria para a sua produção. Boa parte dos integrantes da segunda 2ª geração também foi reticente à adoção das orientações sobre as práticas de manejo, com receio de diminuir sua produção. Com isso, somente a partir dos resultados favoráveis obtidos da amostra do terreno do Agroextrativista nº 9, a 3ª geração foi influenciada, passando a dar continuidade ao trabalho realizado pelas gerações anteriores.

A partir de 2000 também passaram a atuar na comunidade técnicos do Instituto de Desenvolvimento e Assistência Técnica da Amazônia (IDATAM) que trouxeram para a localidade novos cursos, palestras e assistência técnica para os agroextrativistas. Desse modo, a assistência técnica oportunizada aos agroextrativistas locais influenciou diretamente na adoção das práticas de manejo realizadas pelos mesmos, embora tenha havido algumas restrições, conforme descrito nas narrativas:



Eles (funcionários da EMATER) viero (vieram) aqui sim, foi muito importante porque a gente aprendeu muita coisa (coisa) boa até, mas nessa parte da distância eu acho que não ia dá (dar) certo porque não tem como ficar medindo (medindo) certinho o espaço entre uma e outra, mesmo porque a gente sempre plantô (plantou) assim e sempre deu certo (Agroextrativista nº 12, homem, 33 anos).

A gente sempre prantô dessa manêra (maneira) aqui na comunidade. No meu tempo, nunca tevi (teve) esse negoço (negócio) de deixá (deixar) espaço, e a gente nunca via diferença, pra nós as arvres (árvores) sempre produziru (produziram) bem. (Agroextrativista nº 01, homem, 64 anos).

A partir dos projetos de Assistência Técnica, os agroextrativistas passaram a realizar práticas e técnicas que se resumem em seis etapas (Tabela 1), com exceção do espaçamento entre as palmeiras, em função das motivações já explanadas.

Ação/Prática	Período	Como fazem?
Roçagem e limpeza	Dezembro (fim do verão amazônico)	Cortam-se as áreas de capoeira para a desocupação das áreas que ainda não tem açaizal. Também é feita a retirada das folhas secas de açai que ainda estão presas nas palmeiras.
Raleamento da mata	Dezembro	Retiram-se as árvores mais altas da palmeira do açai para que não haja competição pelos raios do sol
Enriquecimento	Janeiro	Plantação de árvores nativas (ingá facão ou palheteira)
Desbaste dos estipes	Janeiro a junho	Retiram-se os estipes mais altos que já não estão produzindo ou que estão produzindo em pequena quantidade e são deixados somente os estipes mais baixos.
Plantio ou transplante de mudas de açai	Janeiro a junho	Retiram-se as pequenas árvores (mudas) de uma área que tem muito e planta-se em outra área que onde não tem.
Coleta/apanha	Agosto a dezembro	Modo tradicional (um apanha e outro debulha ou a mesma pessoa apanha e depois debulha).

Tabela 1. Resumo do calendário produtivo e práticas de manejo do açai adotadas na Comunidade do rio Campompema, Abaetetuba - Pará.

Fonte: Pesquisa de campo (2017).

De acordo com as entrevistas, houve um aumento de produtividade, mas com expressiva diminuição de espécies nativas, como o mututi (*Pterocarpus santalinoide*), miritizeiro macho (*Mauritia flexuosa*), paxiúba (*Socratea exorrhiza*),



seringueira (*Hevea brasiliensis*), entre outras. Então, visando à diversificação das áreas, os entrevistados, a partir do conhecimento sobre espécies florestais e de incentivos técnicos, estão implantando Sistemas Agroflorestais (SAFs). Do ponto de vista prático, isso é uma reconfiguração dos sistemas produtivos a partir dos saberes ribeirinhos (passados de geração para geração) com o conhecimento técnico/científico acumulado sobre SAFs. Portanto, essa tendência ressalta a conscientização sobre a importância da conservação dos recursos naturais, principalmente da biodiversidade, e minimização dos impactos advindos da tendência da intensificação de monocultivos de açaizais na região, conforme também identificado por Silva et al., (2016) em pesquisa realizada em Igarapé-Miri, município vizinho à Abaetetuba.

Conclusões

A partir da pesquisa foi possível constatar que o nível de capital disponível influencia a adoção de manejos mais intensivos dos açaizais.

Além disso, destacamos que o processo de adoção de orientações que requerem mudanças técnicas nos sistemas de produção dos agroextrativistas pode levar mais de uma geração, fazendo-se necessária a presença de produtores pioneiros que, de maneira experimental, arriscam-se a realizar mudanças. Nesse processo, as técnicas podem ser adotadas integralmente, parcialmente ou reelaboradas a partir dos contextos específicos.

Referências bibliográficas

COSTA, A. P. D. et al. A capacidade de inovação técnica de ribeirinhos do estuário amazônico: o manejo de açaizais nos PAEX Mutirão Japuretê e Emanuel. **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 4, nov. 2014.

CIALDELLA, N. et al. L'açaí en Amazonie: fragile coexistence de filières courtes et d'exportation. In. XXXIIIèmes Journées du développement de l'Association Tiers Monde Colloque Agricultures, ruralités et développement, 2017, Bruxelas. **Anais [...]**. Bruxelas: Université Libre de Bruxelles. Paris: Association Tiers Monde, 2017, v. 1.

GONÇALVES, D. L.; BRASIL, D. S. B. Problemas ambientais e sustentabilidade nas várzeas da Amazônia Tocantina: um estudo no Projeto de Assentamento Agroextrativista São João Batista II, Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saude** [online]. 2016, v.7, n.4, p.89-99.

SILVA, A. A. et al. Sistemas agroflorestais nas Ilhas de Várzea, Município de Igarapé – Miri, Pará. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 10., 2016, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: UFMT, 2016.